

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO: INTERSECÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

PRELÚDIO EM LÁ MAIOR

O que me move ???!!!
A reciprocidade...
Quando ela dorme... eu sento...
Quando ela senta... eu levanto...
Quando ela anda... eu já caminho...
Mas quando ela corre...
Quando ela corre...
Ela corre???
Eu lanço Vôo!!!
Voandooooo!!!

Parou???!
O que aconteceu???
Espere-me!!!
Estou pousando...!
Chegando até você...!
Segura na minha mão...!
Nela e em mim...
você pode confiar...
se acheque...!
Permita-me!!! Permita-se!!!

Porque o que nos move...
O que nos move...
É a reciprocidade...
Da liberdade...
Da segurança...
Opostos...
Numa dança dialética...
Em ordem desorganizada
Que andam juntos
Vamos caminhar para LÁ???

Porque nesse PRELUDIO
Não importa se o LÁ...
É distante...
É logo ali...
Se é longo...
Ou apenas um "piscar de olhos"...
O que importa...
É a reciprocidade
Que faz do tom LÁ ... ser MAIOR!!!
LÁ MAIOR!!! Onde???. Não sei...!!!

Isabella Fernanda Ferreira (17/11/15)

Como em um *prelúdio*, nossas palavras procuram introduzir uma *sinfonia*, oferecendo-lhes uma mostra do que virá ao longo do percurso deste *Dossiê em Lá Maior*, no qual, a partir dos fragmentos expostos, podemos encontrar uma totalidade. Ao chegar LÁ, o(a) leitor(a) terá tido contato com um mosaico de pensamentos que se estruturam por meio de artigos e ensaios escritos por diferentes professores pesquisadores, de universidades distintas, mas que se unem em torno de um objetivo comum: pensar criticamente a formação nos processos educativos escolares e não escolares, apresentando diferentes objetos de investigação sob diferentes perspectivas epistemológicas.

Embora esses fragmentos de mosaico se consolidem por meio de perspectivas epistemológicas distintas, os mesmos apresentam esteticamente uma totalidade por um ponto em comum de intersecção em que tais discussões se enveredam em torno da temática *educação e formação*: a preocupação com a dimensão emancipatória das mesmas, nos diferentes temas explorados pelos autores(as) ao longo de seus escritos. Nesse ponto em comum, podemos contemplar uma espécie de reciprocidade conceitual que se aloja na problematização dos processos formativos. Com essa recíproca preocupação, ao tratar de fenômenos atuais da educação, os(as) autores(as) realizam um segundo movimento em comum de intersecção, qual seja, o de voltar seus *olhares* aos clássicos da filosofia, por meio dos quais realizam uma contribuição analítica atual ao revitalizar tais concepções clássicas para refletirem sobre fenômenos educacionais da contemporaneidade. A reciprocidade estabelecida entre esses ensaios e artigos – relativa à discussão acerca da dimensão emancipatória da formação –, por meio da volta aos clássicos da filosofia para a análise de diversos temas relacionados à educação e à formação, lança autores e autoras à contemporaneidade. Um lançar-se à frente não no sentido *evolucionista*, mas no de *uma dança dialética...* em que, por meio da segurança dos clássicos da filosofia aliada à liberdade conceitual dos autores(as), os mesmos tecem opostos, em permanente tensão, em um movimento de reciprocidade conceitual que, muito embora se desenvolva por diferentes matrizes epistemológicas, possui, em comum,

o objetivo de tentar alcançar o tempo vigente, alcançar os fenômenos atuais relacionados à formação e à educação.

Não sabemos como cada leitor(a), ao caminhar, chegará ao nosso LÁ em tom MAIOR, construído em reciprocidade. Esperamos, entretanto que, ao longo das leituras, esta sintonia se (re)faça.

Nesse caminho, da tensão entre duas políticas da e para a Educação, mais especificamente, para a educação da infância, entre duas concepções de Filosofia, Walter Kohan, em uma “viagem” ancorada entre a antiguidade e a contemporaneidade, por meio de obras e autores clássicos, opõe uma educação que forma a infância para sua emancipação a uma outra que busca converter os infantes em adultos. Seu porto, ao mobilizar Sócrates, Platão e Lipman – deixando entrever Derrida e Deleuze – é o da construção de um mundo razoável e democrático em que a infância nos aguarda para nos educar. Em meio a estes (re)cortes epistemológicos, pode-se (re)aprender com o autor o quanto vagar entre os velhos mestres da Filosofia nos auxilia a compreender o tempo presente.

Se, com Kohan, podemos nos questionar sobre qual filosofia ensinamos, dentre muitas respostas possíveis, encontramos a de Paula Ramos que tematiza a formação do professor de filosofia, como que dando continuidade à questão proposta por Kohan. Dirigindo-se, entretanto, à problemática do currículo questiona a ideia dos combates que, em diferentes circunstâncias da história recente da educação brasileira, estão subjacentes ao *currus* implicado nos cursos que formam os professores de Filosofia, lembrando-nos dos elementos de subjetividade e objetividade que, a um só tempo, estão presentes na construção do currículo. Por meio de concepções distintas na própria história do pensamento filosófico, no interior de um movimento que busca similitudes no diverso, a autora vaga, com suas questões, entre Ortega y Gasset, Adorno e Schopenhauer. O artigo de Paula Ramos desvela uma filosofia que – distanciando-se das formas técnicas de pensar a formação – convoca a *experiência*, uma experiência a serviço da *bildung*. O que nos conduz ao longo da leitura de *A formação do professor de filosofia: entre o geral e o particular* – brilha na conclusão do ensaio de Paula Ramos, muito embora a mesma se deixe entrever desde o seu início.

Remetendo-se à questão da formação de professores, encontramos Raimundo Sérgio de Farias Júnior e suas leituras sobre o Programa Nacional de Formação de Professores (PARFOR) no contexto da expansão do ensino superior tal como a mesma vem se realizando atualmente. O autor confronta os dados qualitativos e quantitativos da pesquisa realizada com a categoria *semiformação*, de Adorno, para nos inquietar com uma questão: sob o sonho improvável daqueles que buscam a oportunidade oferecida pelo PARFOR de continuar estudando, não encontramos – contrariamente à formação tal como pensada no interior da Teoria Crítica da Sociedade – a forma dominante da consciência atual imiscuída ao movimento crescente de mercantilização da educação?

Voltando-se também à formação de professores, Rosi Giordano discute a importância da pesquisa e a do ensino da Filosofia nos cursos de licenciatura em Pedagogia e o faz a partir da exposição do método – tal como concebido desde o interior da Teoria Crítica da Sociedade – utilizado em uma investigação realizada em diferentes municípios do Pará.

Interrompendo abruptamente nosso pensar, como que a *golpes de tacapes*, Filipe Ceppas nos leva às nossas raízes primeiras. Raízes *primeiras*, pois que nos atiram – com vigor – para fora dos padrões clássicos do pensar e mesmo do falar, promovendo e provocando nosso (re)encontro, por meio da antropofagia oswaldiana, com heranças negras e indígenas. Somos, assim, convidados a pensar a possibilidade da dimensão pedagógica e formativa da antropofagia de Oswald de Andrade. As proposições de Ceppas nos alertam para um horizonte de possibilidades em que – pela assunção de nossas heranças (em conjunção com toda a aposta formativa, científica e literária européia), mas, subvertendo o modelo formativo *branco-ocidental* – a educação e a escola (em especial, a escola pública) cumpram a “[...] função de preparar as crianças para a construção de um mundo mais justo, em luta contra a violência e as desigualdades, com solidariedade, espírito coletivo, respeito à diferença e generosidade”.

Prosseguindo, encontramos com Deborah Christina Antunes em seu ensaio intitulado “O desafio da estética para a educação: Adorno na contramão de uma subjetividade danificada” nos apresenta uma espécie do que Theodor W.

Adorno denomina de “inflexão diretiva ao sujeito” realizada pela autora, consigo mesma, ao refletir sobre sua vivência como professora universitária. Trazendo as reflexões sobre sua vivência como docente, a autora nos encaminha para um processo de reflexão sobre a potência existente no pensamento adorniano, sobretudo, em seus escritos sobre estética, para pensarmos a questão da formação em uma dimensão emancipatória. Em suas palavras, a autora denuncia a semiformação cultural existente no capitalismo tardio e possui como central preocupação, anunciar como uma teoria que seja efetivamente estética, a partir da proposta de uma experiência que seja vivenciada, possa apontar possibilidades de um processo formativo que supere o esquematismo presente nos processos de subjetivação propiciados pela Indústria Cultural.

Também preocupada com a questão da semiformação cultural como um processo social subjetivo, produzido objetivamente pela Indústria Cultural, a autora Roselaine Ripa em seu artigo intitulado de “A educação a distância como indústria cultural: reflexões sobre a docência na EAD” volta seu “olhar” para o trabalho docente com as tecnologias de informação e comunicação, problematizando a dimensão reificada que essa pode apresentar nos processos pedagógicos quando o professor possui a dimensão instrumental do seu trabalho absolutizada em detrimento de uma razão emancipatória, cessando, com isso, o movimento dialético entre razão instrumental e razão emancipatória que é imanente a uma formação emancipatória. A reflexão da autora denuncia a dimensão danificada de tais processos formativos realizados à distância e, portanto, de exclusão. As denúncias realizadas por Deborah Christina Antunes e por Roselaine Ripa também estão veiculadas às especificidades do como a organização do trabalho do professor vem se estruturando em conformidade com o sistema capitalista de produção e suas especificidades nas sociedades contemporâneas.

Continuando, encontramos com Valmir Rodrigues que nos revela as íntimas relações existentes entre a reforma curricular implementada pelo MEC na década de noventa no Ensino Médio e os pressupostos teóricos existentes no modelo de organização toyotista do trabalho. Tal relação de conformidade e

adesão nos impulsiona a refletir sobre a dimensão emancipatória e de superação desses modelos heterônomos relativos a uma política de formação docente. Apresentando o conceito de competências introduzido na escola, funcional ao modo de organização do trabalho no capitalismo contemporâneo, Valmir Rodrigues estabelece intersecção temática com as reflexões de Isabella Fernanda Ferreira. Voltando-se, também, para o adentramento do conceito de competências nas escolas, Isabella Fernanda Ferreira elabora uma crítica imanente à crítica de Perrenoud ao sistema seriado de ensino e à pedagogia tradicional como produtores de uma mera adaptação ao sistema capitalista de produção. Para discutir as críticas de Perrenoud, a autora utiliza o método materialista histórico dialético negativo proposto por Theodor. W. Adorno evidenciando o “véu de integração ideológica” presente nos pressupostos sinalizados por Perrenoud.

Ocupado também com a questão da educação e suas relações com o trabalho no sistema capitalista de produção, o artigo “*Ne travaillez jamais* ou da crítica aos processos formativos do capitalismo e suas consequências” de Roberto Rondon realiza uma reflexão macrosociológica, por meio das contribuições de Marcuse e de Grazia, sobre os processos de reificação que se estabelecem no mundo do trabalho e a barbárie necessária à manutenção da crise de um modelo civilizatório global de sociedade.

Neste mosaico de reflexões, os diferentes artigos e ensaios sob diferentes perspectivas teóricas convidam os leitores a refletir sobre a imperatividade de repensarmos a educação e a formação na atualidade com vistas à emancipação.

**Isabella Fernanda Ferreira
Rosi Giordano**